

O AMOR NA OBRA O PRIMO BASILIO

Raimundo Daltro Conceição Morais¹

1. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE PORTUGAL NA DÉCADA DE 1870 E EÇA

O contexto sócio-histórico de Portugal pode ser visualizado em uma declaração de Antero de Quental, em plena Questão Coimbrã, movimento que marca a introdução de uma nova “estética” nas artes portuguesas:

“Talvez, quem pensa e sabe hoje na Europa, não é Portugal, não é Lisboa cuidado eu é Paris, é Londres, é Berlim. Não é a nossa divertida Academia de Ciências que resolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos fatos e das idéias. É o Instituto de França, é a Academia Científica de Berlim, são as escolas de Filosofia, de História, de Matemática, de Física, de Biologia, de História, de todas as ciências e de todas as artes em França, Inglaterra, em Alemanha” (Quental, Antero, Bom Senso e Bom Gosto. [http://books.google.com.br// carta ao Sr. Antonio Feliciano](http://books.google.com.br//carta%20ao%20Sr.%20Antonio%20Feliciano)).

Com essas palavras fica evidenciado que os países da Europa estavam na modernidade enquanto Portugal permanecia atrasado, atrelado ao passado, era preciso mudar, evoluir como a França, a Inglaterra ou a Alemanha.

Observe-se que Revolução Industrial, iniciada no séc. XVIII, entra numa nova fase no séc. XIX, caracterizada pela utilização do aço, do petróleo e da eletricidade; ao mesmo tempo, o avanço científico leva à nova descoberta no campo da Física e da Química. O capitalismo se estrutura em moldes modernos com o surgimento de grandes complexos industriais, por outro lado, a massa operária urbana avoluma-se, formando uma população marginalizada que não partilha dos benefícios gerados pelo progresso industrial, mas pelo contrário, é explorada e sujeita as condições subumanas de trabalho.

A nova realidade das sociedades européias que estavam na “modernidade”, serve de pano de fundo para uma interpretação de um mundo em mudança, que gera teorias de variadas posturas ideológicas. “Observando-se uma seqüência cronológica, tem-se o Positivismo de Comte, preocupado com o real-sensível, com o “fato”, defendendo o cientificismo no pensamento filosófico e a conciliação entre “ordem e progresso” (expressão utilizada na bandeira do Brasil, de inspiração comtiana); o socialismo científico de Karl Marx Friedrich Engels, a partir da publicação do Manifesto Comunista, em 1848, que define o materialismo histórico; segundo esse manifesto, “O modo de produção da vida material condiciona o social, política e intelectual em geral e a luta de classes”, o evolucionismo de Charles Darwin, a partir da publicação, em 1859, de “*A origem das espécies*”, livro em que ele expõe seus estudos sobre a evolução das espécies pelo processo de seleção natural, negando, portanto a origem divina defendida pelo cristianismo.

É nesse contexto de acontecimentos históricos, filosóficos, políticos e científicos que os moços coimbrãos estão inseridos como observadores de uma nova ordem e, entre eles, está Eça que terá um papel fundamental na evolução social, política e artística, renovando as letras

¹ Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador – UCSal. Contato: raimundodaltromorais@yahoo.com.br.

através de suas obras como “O Primo Basilio”, O Crime de Padre Amaro e Os Maias, trilogia a que ele chamou de Cenas Portuguesas.

2. QUESTÃO COIMBRÃ

“Os estudantes da Universidade de Coimbra, na década de 60, já estavam atentos a tudo o que acontecia de “novo” nos principais centros culturais da Europa, libertando-se, assim, de uma visão de mundo romântica”, defendida pelos escritores da chamada Escola de Lisboa. O interesse que os jovens manifestavam pelo que ocorria nos outros países de seu continente, intensifica-se em 1864., quando é inaugurado o caminho de ferro de Beira-Alta, ligando Coimbra a Paris. A partir dessa nova tecnologia, os estudantes recebiam livros da França e, nesse tempo, encontra eco em Portugal a poesia social de Victor Hugo, que refletia as profundas transformações vividas pela sociedade francesa naquela época.

Segundo os estudiosos de Literatura Portuguesa, como A. J. Saraiva, surgiram divergências entre os velhos mestres românticos de Lisboa e os estudantes de Coimbra, de que são prova pequenas escaramuças literárias. Nesse ano de 1864, Teófilo Braga publica Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras, e Antero de Quental, Odes Modernas são poesias revolucionárias, preocupadas com o momento histórico, com nítida função social. Como afirma o próprio Antero, era um ataque à poesia bonitinha (sentido irônico), inocente ingênua e completamente descompromissada com a realidade, era o fim das vestais (vestal = mulher, casta, virgem) e o início da palavra forte com conteúdo, ou seja, o aspecto estilístico e semântico do vocábulo.

No período de 1865, Pinheiro de Chagas publica Poema da mocidade, dedicado a Antonio Feliciano de Castilho, velho professor e mentor da Escola de Lisboa. No livro sai uma carta de Castilho que critica duramente a poesia de Teófilo Braga e Antero de Quental. Antero responde com um opúsculo intitulado “Bom senso e Bom gosto”, em que defende o papel revolucionário da nova poesia realista e a independência dos realistas em relação aos velhos mestres, ao mesmo tempo ataca a figura de Castilho, como se vê nesses trechos:

“A Poesia Moderna é a voz da Revolução”. A Poesia que quiser forçosamente ao sentimento mais fundo do seu tempo, hoje, tem forçosamente de ser uma poesia revolucionária .Que importa que a palavra não pareça poética às vestais literárias do culto de arte pela arte ?”

.....
“(...) combatem-se os hereges da escola de Coimbra por causa do negro crime de sua dignidade, do atrevimento de sua retidão moral, do atentado de sua probidade literária, da imprudência e miséria de serem independentes e pensarem por suas próprias cabeças.(...) Levanto-me quantos cabelos brancos de V.Exa. passam diante de mim. Mas o travesso cérebro que está debaixo e as garridas e pequeninas cousas que saem dele confesso não merecem, nem admiração, nem respeito, nem ainda estima a futilidade num velho desgosta-me tanto como a gravidade numa criança. V. Exa. precisa menos cinquenta anos de idade, ou então mais cinquenta anos de reflexão.(Quental, Antero, Bom Senso e Bom Gosto, [http://books.com.br/carta ao Sr. Antonio Feliciano](http://books.com.br/carta%20ao%20Sr.%20Antonio%20Feliciano)).

A partir desses embates, Teófilo Braga lança seu folheto intitulado Teocracias literárias, criticando a influência dos velhos românticos. Mais tarde, Camilo Castelo Branco defende a

posição de Castilho no folheto Vaidades irritadas e irritantes. Nesse período, vários folhetos circularam em Portugal, alguns defendiam as novas idéias e outros defendiam o passadismo.

2.1. As conferências democráticas em 1871

As Conferências Democráticas foram idealizadas pelos partidários da “nova idéia”, como Antero de Quental, cujo objetivo era, como foi propalado, “abrir uma tribuna onde tenham voz as idéias..”, preocupando-se com a transformação social, moral e política dos povos”, “ligar Portugal com o movimento moderno”, “Agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna”, e por fim estudar as condições da transformação política, econômica e religiosa da sociedade portuguesa.

Foram estimadas 10 (dez) conferências, sendo o Cassino Lisbonense o palco para o pronunciamento delas. Eram divididas em diversos temas de interesse social, político, filosófico, científico e artístico. Antero proferiu a primeira sob o título “O espírito das conferências” que explicava o caráter dos objetivos acima citados. A quarta conferência foi intitulada “O Realismo como nova expressão da arte”, tendo como palestrante Eça de Queirós, em 12 de junho. Nela, Eça ataca o Romantismo, expõe os valores realistas, ressaltando os valores realistas, ressaltando o caráter social da literatura e seu valor como agente de transformação, atuando sobre uma sociedade obsoleta.

Várias outras conferências estavam programadas, mas antes de acontecer a sexta, o governo fechou o Cassino e as proibiu porque “atacavam a religião e as instituições políticas do Estado”, tornando-se um fato relevante, que viria, mais tarde, influenciar a vida política, social e artística portuguesa.

3. EÇA DE QUEIRÓS E SUA VISÃO DE MUNDO

O escritor Eça de Queirós estudou na Universidade tradicional de Coimbra, assistia a preleções de lógica, retórica, moral, tudo era ensinado segundo antigos cânones escolásticos.

Na obra *Os Imortais da Literatura Universal*, Ed. Abril, pág. 102/103 capítulo 7 lê-se a seguinte declaração sobre o que acontecia naquele momento:

Identificados de acordo com a renovação espiritual, que vinha da França, os rapazes de Coimbra indignavam-se com o atraso e a indiferença intelectual de sua terra. O radicalismo literal de Voltaire e Rousseau, o socialismo utópico de Proudhon, a dialética de Hegel, as teorias evolucionistas de Darwin, o positivismo de Auguste Comte, fervilhavam e confundiam-se na mente dos estudantes, que procuravam neles uma saída moderna e “racional” para seus próprios problemas e para as misérias de Portugal.

Eça tem sua formação nesses movimentos e adquire ao longo dos tempos uma identidade que será evidenciada em suas obras. Em “O Primo Basílio”, pode-se observar o Naturalismo como o tema “Adultério” que caracteriza uma patologia social para a época, a tendência para compreensão do homem como um caso que deve ser analisado cientificamente, portanto, características evidentes da corrente naturalista.

A visão de mundo em Eça está centrada em um conceito da filosofia que vogava à época, na modernidade, isto é, na realidade dos fatos. Fundamentado em alguns filósofos como

Proudhon, que constrói as bases do pensamento socialista. Em “O Primo Basílio” o autor mostra que as criadas, após um longo período de servidão aos patrões, **eram jogadas no olho da rua**, sem amparo, uma desumanidade, como ocorria em Portugal. Este fato influencia na criação da personagem Juliana. E Hipolyte Taine com sua teoria determinista, que é aplicada à Luísa: “A existência obedece a leis como do meio e do momento”, pois ela é o produto das leituras românticas, o sofre o impacto do reencontro com Basílio e da distância física de Jorge.

O pensamento de Eça reflete-se em sua obra como um combatente do atraso da sociedade portuguesa, do romantismo e sua retórica. Mostra quanto Portugal era uma sociedade que, naquele momento, estava decadente, portanto era preciso que a obra de arte construísse um novo caminho para a modernidade..

4. A POSIÇÃO DA OBRA DE EÇA NA LITERATURA PORTUGUESA

A obra de Eça na literatura portuguesa tem lugar de destaque, por esse autor ser considerado o introdutor do Realismo/Naturalismo em Portugal, com os romances “O crime de Padre Amaro, O primo Basilio e Os Maias”, considerados pela crítica o auge de sua fase realista.

Os seus romances representam para o mundo literário um marco de produção estilística, de identidade de um momento histórico, de revolução no conceito da arte moderna, do pensamento político-social, filosófico e descobertas científicas do séc. XIX.

Eça através de sua obra dialoga, com Flaubert e Zola. Este último introduziu o Naturalismo na literatura, combinando as teorias mais polêmicas de sua época, tais como o darwinismo, evolucionismo e determinismo científico, inaugurando o romance de tese.

O primo Basílio tem características de um romance de tese que traz em sua narrativa os postulados das teorias em voga na época, de acordo com Guerra de Cal:

A batalha efectiva da implantação do Realismo no romance começou com a publicação d’ O Crime de Padre Amaro, seguida dois anos mais tarde por O Primo Basílio, obras caracterizadas ambas por métodos de narração e de descrição baseados numa minuciosa observação e análise psicofisiológicas, com a anatomia moral das personagens referida a factores deterministas de meio, educação e hereditariedade, à maneira de Zola. (Cal, 2008).

Portanto, o escritor Eça de Queirós e a sua obra são a marca da modernidade na literatura portuguesa, inaugurando um novo modo de relacionamento da obra com a sociedade e do artista com a sua obra.

5. O LUGAR DE O PRIMO BASÍLIO NA OBRA DE EÇA

O Primo Basílio tem lugar de destaque na obra de Eça de Queirós, sendo um romance de tese que aborda o adultério e o núcleo da família que é o casamento, por interesse, mero acaso como é o encontro de Jorge e Luisa, e onde a única saída para a mulher da alta sociedade, que passa os dias no ócio, a sonhar e a ler romances setimentaloides.

O autor ataca, ironicamente, os escritores românticos, a política, a religião, especialmente o catolicismo, mostra de forma realista a sociedade portuguesa. Em carta a Teófilo Braga diz: “A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa, e mostrar-lhe, como num espelho, que triste

país eles formam- eles e elas - ... destruir as falsas interpretações e falsas realizações que lhe dá uma sociedade podre...’.

Esse romance tem riqueza de detalhes, desde o cenário até a minuciosidade dos atributos, caráter, condição social, sonhos e pensamentos de seus personagens, dialogando com os realistas franceses. Tripudia o homem em sua paixão; no romantismo, mostra que ele trai e é traído. É irônico, em relação à burguesia, à igreja - observe-se a passagem em que os encontros de Luisa e Basílio se dão no Paraíso”, referencia clara ao Cristianismo, interpretando a passagem bíblica de forma irônica:

O Senhor Deus formou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo. Deu-lhe este preceito: “Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que comeres, morrerás indubitavelmente”. (Gênesis, versículo, 15,16 e 17).

Eça não se limita a expor; explica; mais do que uma obra realista, elabora um romance naturalista onde o “Realismo”, com suas limitações, é levado às últimas conseqüências. Sua preocupação central é desmascarar a vida falsa e imoral da alta burguesia lisboeta, em flagrante contradição com as estritas normas morais que constituem a sua fachada. O tema do adultério, somado à imaginação erótica dos portugueses, é responsável pelo grande sucesso de “O Primo Basílio”.

Podemos concluir que o próprio Eça batizou a trilogia O Primo Basílio, O Crime de Padre Amaro e os Maias, de Cenas Portuguesas, caracterizando a importância que a sua obra crítica atingiria uma sociedade que vivia hipocritamente, cabendo ao escritor desnudar, em sua obra, a realidade dos fatos em consonância com a modernidade.

6. RECONTANDO A HISTÓRIA

O narrador inicia o romance com o casal Jorge e Luisa, casados há três anos, na sala, ele lendo um volume de Luis Feguiet e ela, o Diário de Noticias, em uma tipificação da união matrimonial da classe média portuguesa.

Nesse capítulo inicial, são conferidos a Jorge seus atributos de Engenheiro e a ela uma dama zelosa da casa e do marido, portanto, uma amante que zela pelo núcleo familiar harmônico, com características um tanto românticas. Na leitura do jornal, supõe-se na coluna social, chama à atenção de Luisa a chegada de seu primo Basílio, cuja história entre ambos se dá a partir do parentesco muito próximo e resultando na adolescência em um namoro/amor/paixão que não se concretiza em casamento, por motivo de ele ter ido à falência em Portugal, ausentando-se desse país, para tentar a vida no Brasil e na Europa por um tempo longo e, nesse período, “antes de ela conhecer Jorge”, se corresponderam por cartas, mas Basílio depois deixou de enviar-lhes notícias e conseqüentemente abandonando o pacto de unirem-se matrimonialmente.

O enredo do romance começa a desdobrar-se, após a chegada de primo Basílio irá procurá-la e encontrando-a passa a seduzí-la até que reata o antigo namoro.

Jorge, um homem que trabalha em obras públicas, é obrigado a acompanhar e dirigir uma construção em Alentejo, cidade distante de Lisboa, residência do casal, deixando sua esposa sozinha, propiciando, desta forma, uma oportunidade para que acontecesse o adultério. Luisa, que era considerada frágil, leitora dos romances da Literatura Romântica, lia principalmente a Dama das Camélias, com a mente vazia, sem maiores afazeres, próprio da burguesia, tornava-se vulnerável, segundo o narrador, ao retorno do caso amoroso com o seu primo.

A narrativa, apresenta passagens, mostrando que não havia amor entre Jorge e Luisa, principalmente nessa última personagem que preservava, em seu íntimo, a paixão pelo primo Basílio, lembrando-se nos momentos de suas leituras românticas, da tia, dormindo na cadeira enquanto que eles, no sofá ou no meio das árvores, consumavam-se em atos de amor.

O lar de Jorge ou a casa do Engenheiro, como diz o narrador, ironizando, basicamente, é composta pelo casal e mais duas empregadas, sendo que uma, de nome Juliana se destacará pela representação que terá no núcleo dessa família, quando apanhará uma carta de Basílio a Luisa com cenas de amor e paixão, com convite para o encontro no Paraíso, lugar onde ele alugou uma pequena casa para seus encontros amorosos. A feição dessa antagonista é ter um caráter que tira proveito da miséria alheia, pois ela fora acompanhante da mãe de Jorge, na saúde e principalmente na doença, durante muitos anos, sonhando que a velha, antes de morrer, deixasse alguma herança e algum dinheiro, para que ela vivesse pelo resto da vida amparada, portanto, sem a humilhação e a miséria em que muitos criados eram jogados após se tornarem imprestáveis para os serviços. Mas a mãe deixou a herança e o dinheiro para o seu filho Jorge e este, em retribuição pelos préstimos com sua mãe, resolveu levá-la consigo ao casar-se. Essa criada torna-se uma pessoa vingativa e, ao apanhar a carta de Basílio e lê-la, viu, naquele momento a sua ascensão, chantageando.

O roteiro do romance desenvolve-se em diversos capítulos e, com as idas de Basílio à casa do Engenheiro, os encontros que eram perpetrados comumente com os poucos amigos de Jorge: o conselheiro Acácio, Dona Felicidade (apaixonada por Acácio), Sebastião, contraponto de Juliana, Ernestinho “o dramaturgo” Julião Zuzarte parente de Jorge, cirurgião, caracterizado como um pobre, onde ouviam Luisa tocar piano, músicas sentimentalistas, erudita, clássicas, declamações de poemas, debates sobre teatro, à moda da época, apreciando as chávenas de chás, vinhos e delicias culinárias, típico da burguesia Lisboeta.

Juliana rouba três cartas de Basílio na alcova, mas Sebastião consegue recuperá-la utilizando um guarda acusando-a de furto e ela, para livrar-se devolve as cartas, é despedida e falece pouco tempo depois.

Após todos esses episódios, Luisa começa a ter um drama de consciência e adocece, pressionada pela empregada e a própria sociedade que a cercava, em relação à traição. Jorge retorna de Alentejo para cuidar da esposa que necessitava devido ao seu estado, embora já tivesse suas desconfianças do relacionamento entre ela e Basílio, pois, antes do reatamento desse “parentesco”, ‘o sexo no casal não era tão ardente’ e algumas vezes, quando voltava de Alentejo, ela estava transformada de todas as maneiras e, principalmente, no comportamento sexual. A febre em Luisa aumentava, deixando-a cada vez mais debilitada. Houve uma melhora e Sebastião entregou-lhe as cartas que foram queimadas, embora esse último tivesse iniciado a leitura de uma delas, mas, ao perceber do que se tratava, desistiu de continuar o seu intento. Assim, a harmonia aparente tinha voltado ao lar do Jorge. A convalescença não cessava. Basílio vai a Paris antes de a enfermidade iniciar-se, e não fica sabendo da morte dela.

Jorge foi à alcova do casal, apalpou a mão de Luisa, que ardia, aconchegou-a na roupa, beijo-a na testa e cerrou as portas e janelas. Passeou pelo escritório e lembrou das palavras de Julião sobre a enfermidade, preocupando-se. Ao colocar as mãos no bolso, seus dedos encontraram uma carta, que o carreteiro lhe dera, pela manhã, para entregar a Luisa. Teve curiosidade, notou que a letra era de homem, ficou impaciente e abriu-a era de Basílio, lendo-a, tomou ciência de que havia sido traído. Pensou em matá-la, abandoná-la, entrou em desespero com o seu orgulho ferido, lembrou de Juliana, das benesses que recebia.

Enquanto isso, a doença dela se agravava, depois de três dias de convalescendo com febre alta, teve uma melhora razoável, Jorge resolveu colocar a carta de Basílio, mostrando que ele estava vivendo em um inferno desde a abertura da correspondência. Ela abriu-a devagar,

fixou Jorge um momento, estendeu os braços sem poder falar; levou-as mãos à cabeça como se sentisse ferida, e, oscilando com um grito rouco, caiu sobre os joelhos, ficou estirada no tapete. Pegaram-na e a colocaram na cama. A partir desse episódio, ela não mais se recupera vindo a falecer.

Jorge, depois do enterro, despede os empregados e vai para a casa de Sebastião. Basílio retorna de Paris, vai à casa de Luisa e encontra fechada, descobre que a moradora tinha falecido e o marido tinha se mudado.

7. DIÁLOGOS E POSTULADOS NA NARRATIVA

O escritor Eça de Queirós dialoga em sua narrativa “O Primo Basílio” com a filosofia, a ciência, arte poética, o teatro, a música, a política, a religião.

Seria impossível detalhar todas essas aproximações e diálogos, neste breve ensaio, pois a riqueza e a capacidade de inserção dos elementos do conhecimento humano, que o autor apresenta em suas obras, exigiria um estudo epistemológico de cunho mais apurado. Por esse fato e para não deixar de pincelar alguns postulados ou aproximações já evidenciados no primeiro parágrafo.

Chama atenção, inicialmente, na passagem onde Jorge lê um volume de Luis Figuer, escritor francês (1819 /1894) que tem livros dedicados à divulgação científica; Alfred Musset, poeta romântico francês (1810/1857); Margarida Gautier, personagem principal de “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas . Da música traz Verdi com sua Ópera Traviata, cujo Libreto é de autoria de Piave é uma adaptação de “A Dama das Camélias”, Malaguenha música espanhola; René Descartes, filósofo francês, autor de “O Discurso do Método”, Proudhon filósofo e anarquista francês. As idéias proudhonianas eram opostas ao liberalismo, insere-se na vertente utópica da teoria do socialismo. Segundo ele “o homem deveria abandonar a condição econômica e moral baseada na sujeição a outros homens que levaria à desarmonia social. Adolphe Belot, romancista e dramaturgo francês; Xavier Bichat, fisiologista, portanto um exímio detalhista que é inserido na narrativa atestando o seu caráter observador, científico etc.

É importante ressaltar, que esses discursos inseridos à narrativa, configuram as bases de um romance de tese inaugurado por Zola e Eça de Queirós se faz porta-voz desse estilo Naturalista em sua trilogia de Cenas da vida portuguesa.

8. OS PERSONAGENS ENVOLVIDOS NA TRAMA

A casa de Jorge é o ambiente onde tudo começa, desenvolve-se, tem o seu clímax e desfecho com a morte de Luisa e a visita de Basílio ao retornar de Paris. Abriga em seu interior uma sociedade, que é representada por diversos tipos, sugerindo que é o “olhar” do narrado, observador e registrador numa abordagem da tese Naturalista.

O Conselheiro Acácio “era alto, magro, vestido sempre de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito”. Seus gestos eram comedidos, mesmo ao tomar rapé. Não usa palavras triviais, sem família, amancebado com uma criada, autor, sempre cheio de razão e moral.

Esse personagem tipifica um tipo hipócrita, ridículo e convencido, pois usava um vocabulário apurado, dizia “El-Rei” e erguia-se da cadeira cumprimentado V. Majestade ,é um símbolo do convencionalismo e o respeito burguês; representando “o constitucionalismo e o formalismo oficial”. Ocupava-se da economia e era Cavaleiro da Ordem de Santiago, honraria que o deixava sentir-se “superior”, em seus discursos citava sempre Almeida Garret e Herculano

(Queirós,1977, p. 39,) como prova de erudição e a perfeição da estética clássica que os dois autores representam para as letras portuguesas, mas que para o narrador é o símbolo do atraso e da subserviência.

D. Felicidade de Noronha, uma fidalga e apaixonada por Acácio. Leopoldina é falsa, imoral, mulher fácil, é amiga e confidente de Luisa. A sua principal função na narrativa é destruir os empecilhos que Luisa tem em relação à aventura com o primo. Ela a encoraja ao adultério.

Juliana, criada da casa da mãe de Jorge, que vai levá-la ao casar-se com Luisa, em gratidão por ter tomado conta de sua genitora. É vingativa, torpe, oportunista, pensava em não precisar mendigar na velhice. Tinha umas economias, foi obrigada a gastar com a sua doença. Sua atuação passa a ter visibilidade quando ela já desconfiava de Luisa e Basílio, depois apanha umas cartas de Basílio no quarto por esquecimento de Luisa que não as destruiu, passa a chantagear a patroa para obter as benesses e, conseqüentemente, realizar seus intentos.

Julião é médico, vive pobremente, tem sonhos de realizar-se na profissão, é primo de Jorge, freqüentava o ambiente em todas as reuniões. Luisa não gostava dele, o marido achava-o inteligente, um gentleman, mas, para ela, um medíocre.

Ernestinho é o representante da escola romântica. Pobre, letrado, dramaturgo, submete as suas peças à apreciação dos amigos, suas mulheres tem cunho romântico. Esse personagem é mostrado pelo autor como símbolo da fase decadente do romantismo.

Sebastião é apaixonado por Luisa, um amor contemplativo, platônico, é um homem de bom senso, nunca se declara, é uma figura humana nas hostes queirosianas.

9. A TRÍADE AMOROSA

Os personagens envolvidos nessa trama têm em comum vários aspectos como a vida social burguesa, gosto intelectual definido, leitores de uma literatura românticas, apreciadores espetáculos musicais, teatrais à moda da época, tendo como predileção “o Romantismo”.

Basilio tem características másculas, fomentadas pelo narrador que sugere a idéia de um Dom Juan português. Visualiza-se no seguinte trecho :

(...)

- A senhora dona Luisa está em casa?

Voltou-se. Nos últimos degraus da escada estava um sujeito, que lhe pareceu “estrangeiro”. Era trigueiro, alto tinha um bigode pequeno levantado, um ramo na sobrecasaca azul, e o verniz dos seus sapatos resplandecia.

- A senhora vai sai – disse olhando-o, muito – Faz favor dizer quem é ?

O indivíduo sorriu.

- Diga-lhe que um sujeito para negócio. Um negócio de minas.

Luisa diante do toucador, já de chapéu, metia numa casa do corpete dois botões de rosa chá.

- Um negócio! – disse muito surpreendida – Deve ser algum recado para o senhor Jorge, decerto! Mande entrar.

Que espécie de homem é ?

- Um janota !

Luisa desceu o véu branco, calçou devagar as luvas de peau de suède claras, deu duas pancadinhas fofas ao espelho na gravata de renda e abriu a porta da sala. Era o primo Basílio. (Queirós,1977, p.61)

(...)

Luísa olhava-o. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. No cabelo preto anelado havia agora alguns fios de cabelos brancos; mas o bigode pequeno tinha um ar de moço, orgulhoso e intrépido; os olhos, quando ria, a mesma doçura amolecida, banhada num fluido. Reparou na ferradura de pérola da sua gravata de cetim preto, nas pequeninas estrelas brancas bordadas nas suas meias de seda. A Bahia não o vulgarizara. Voltava mais interessante!.(Queirós,1977,p62)

Pode-se evidenciar nesses trechos que os predicados masculinos de um reprodutor estão nos adjetivos trigueiro, alto, tinha um bigode pequeno levantado este último é um traço marcante da masculinidade, sexualidade ativa, sedução, respeito, sendo cultivado por qualquer “homem” como símbolo de virilidade, potencialidade e erotização.

O narrador levanta ainda a tese de que o homem português é viril, sedutor, irresistível, diante de uma mulher frágil, leitora dos romances românticos, sonhadora e até certo ponto, ingênua, sendo levada pela seleção natural, exposta por Charles

Darwin que pode-se observar nestas passagens:

(...)

-Tinham-me dito. E teu marido demora-se ?

-Três ,quatro semanas, creio.

Quatro semanas! era uma viuvez! Ofereceu-se logo para vir mais vezes, para um momento, pela manhã...

-Pudera não! És o único parente que tenho, agora...

Era verdade!...E a conversação tomou uma intimidade melancólica; falaram da mãe de Luísa, a tia Jojó, como lhe chamava Basílio. Luísa contou a sua morte, muito doce na poltrona sem um ai.

Tirou logo o chapéu; naquele movimento os braços erguidos repuxaram o corpete justo, as formas do seio acusaram-se suavemente.

Basílio torcia a ponta do **bigode** devagar ; vendo-a descalçar as luvas:

- Era eu antigamente quem te calçava e descalçava as luvas...Lembras-te?...

Ainda tenho esse privilégio exclusivo, creio eu...

(...)

E pôs-se a falar de Colares; a sua primeira idéia mal chegara, tinha sido tomar uma tipóia e ir lá; queria ver a quinta ainda existiria o balouço debaixo do castanheiro? Ainda haveria o caramanchão de rosinhas brancas, ao pé do Cupido de gesso que tinha uma asa quebrada ?. (Queirós, 1977, p. 62/63)

Nessas passagens vê-se que houve um reencontro de épocas em que os dois trazem à tona lembranças de um período feliz, onde a família e o amor se combinavam e se completavam.

Em “O Pensamento Vivo de Darwin”, Eide M. Murta Carvalho, Ed. Martin Claret, pg. 94, cap. 35, temos acesso à tese naturalista tão presente neste romance, nas características do personagem Basílio, que afeta o comportamento de Luisa:

“É possível concluir que o tamanho **maior, força, coragem**, combatividade e energia do **homem**, em relação à mulher, foram adquiridos nas épocas pré-históricas e depois serviram para a posse das **fêmeas nas contendas dos machos rivais**. O **vigor** intelectual e o poder de invenção mais desenvolvidos no homem provavelmente devidos à Seleção Natural, combinada com os efeitos hereditários do habito, **pois que os homens mais hábeis** conseguiram melhor defender e providenciar para si e para suas mulheres e filhos. Na medida do que é possível deduzir de um assunto tão complexo, parece que nossos ascendentes com aspecto de macacos adquiriram **barba** como ornamento para

seduzir ou excitar o **sexo oposto** e a transmitiram somente aos filhos machos. Parece que, no início as fêmeas tinham o corpo desprovido de pelos, também como ornamento sexual; mas transmitiram este caráter igualmente a ambos os sexos. É provável que as fêmeas tenham sido modificadas noutros caracteres para o mesmo fim e pelo mesmo meio; de modo que as mulheres adquiriram vozes mais doces e ficaram mais belas que os homens. (Darwin , apud Carvalho, 1986, pág. 94)

Basílio apresenta-se, nessa fase, um homem viajado, conhecedor de outros mundos e outras vidas, experiente, experimentado, com ares da modernidade e sobretudo “un homme à femme”, que vinha do maior centro cultural, Paris. Daí a sedução toma maior virilidade o eros associa-se ao dionisíaco, objetivando a consumação do ato sexual.

A retórica de Basílio provoca em Luísa lembranças de momentos felizes existentes nos romances românticos e que eles já viveram, deixando-a cada vez mais frágil.

Luísa é uma mulher que ocupa um lugar dentro do contexto social, burguesa, apresentada pelo narrador com um temperamento sonhador, romântico, fadado ao devaneio “...Em solteira aos dezoito anos, entusiasmara-se por Walter Scoth e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelo...” (Queiros, 1977,p. 17/18) . “Ao crepúsculo, ao ver cair o dia, entristecia-se sem razão, caía numa vaga sentimentalidade; sentava-se ao piano, e tocava os fados tristes, as cavatinas apaixonadas... pensava em tolices.

(...) À noite sem poder dormir com o calor, vinham-lhe de repente terrores, palpites de viuvez (Queiros,1977. p, 58). Sua imagem é de mulher frágil que fantasia com uma idealização de um mundo romântico pelos livros que lê, “é um anjinho” dizia Sebastião, no qual a tranqüilidade transforma-se em beleza para os que a cercavam, logo, presa fácil ao retorno de um amor jovial, onde o sedutor tomará o lugar do pai, do marido, o amante perfeito para suas fantasias, pois a familiarização entre ela e Basílio é um alibi para o adultério sem desconfianças.

Jorge é e vive à moda burguesa, engenheiro, caseiro, cumpridor de suas obrigações familiares. Estabeleceu o mesmo padrão de vida marital de seus pais, Eça descreve-o assim: barba curta e fina muito frisada, robusto, de hábitos viris, dentes do pai, ombros fortes; de sua mãe herdara a placidez, o gênio manso, no trecho destacado podemos compreender o comportamento dele :

(...) Quando era estudante na Politécnica as oito recolhia-se e abria os compêndios, não freqüentava botequins nem fazia noitadas. Só duas vezes por semana, regularmente, ia ver uma rapariga costureira, Eufrásia, que vivia ao Barratem... nunca fora sentimental ... tinha horror a dívidas e sentia-se feliz ao lado de sua mãe. (Queirós, 1977, p. 13)

O casamento com Luísa aconteceu em razão de sua progenitora ter falecido e ele sentia-se só, conforme o trecho destacado :

“... o inverno vinham-lhe mais melancolias..., quer ouvir na casa o fru-fru de um vestido. Decidiu casar-se, conheceu Luisa, no verão, à noite, no Passeio. Apaixonou-se pelos cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes. No inverno seguinte estava casado; a Luisinha boa dona-de-casa muito simpática, asseada, alegre... amiga do ninho e das caricias do macho; e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua casa um encanto sério. (Queirós,1977, pág. 13).

O casamento lhe trouxera felicidade, e até achava-se mais inteligente, apenas faltavam-lhe os filhos que Luisa nunca pudera conceber, mas tinha uma vida com a rotina dos demais casais da classe burguesa.

O amor, que Jorge sentia por Luísa, está associado à falta da mãe e ao ato sexual quando o narrador diz : “amiga do ninho e das carícias do macho”; em uma passagem anterior observa-se que Jorge não é “un homme à plusieurs femme”, é caseiro, comedido, à época de solteiro tinha apenas uma rapariga. Quando casado não tinha amante, não era “un bon vivant”.

Talvez fosse o típico português leitor do romantismo, portanto, um par perfeito de Luisa, que perdoará a traição em nome da perpetuação do casamento.

10. O AMOR NA OBRA: CONTRADIÇÕES

O amor na obra queirosiana, especialmente em *O Primo Basílio* traz no seu bojo a crítica contundente do autor às falsas bases que a pequena burguesia lisboeta sustentava em seus casamentos.

Massaud Moises em “A Literatura Portuguesa”, Ed. Cultrix, pág. 195, diz

Com o *Primo Basílio*, Eça desloca-se para a cidade, a sondar as moléstias degenerescentes no centro nevrálgico da Nação. A Capital: o ficcionista penetra num recesso dum lar burguês pretensamente sólido e feliz, e nele descobre a existência de igual podridão moral e física um matrimônio efetuado por uma adolescente tonta, imaginativa e vegetativa, revela-se frágil com o afastamento do marido, Jorge, que viaja para Alentejo a fiscalizar suas “minas”, e a chegada do sedutor, o *Primo Basílio*; formando o banal trio amoroso, o núcleo da organização burguesa, o casamento, deixava-se atingir mortalmente pelo adultério. (Moises, 1990, p.195)

Eça de Queirós não apenas analisou os mecanismos do casamento, mas também, o comportamento da pequena burguesia. Nessa análise, utilizou-se dos pressupostos filosóficos e científicos da época, principalmente na corrente Realista/Naturalista o qual um dos seus pilares era “ a preferência por temas de patologia social – miséria, adultério, desequilíbrio psíquico, problemas ligados ao sexo ou a tendência para compreensão do homem como um “caso” que deve ser analisado cientificamente” (Filho, Domício Proença , *Estilo de Época na Literatura*, Ed Ática, 13ª. Ed. , 1992), o Determinismo materialista idealista de Hipolyte Taine , o socialismo de Proudhon, o Positivismo de Comte, o evolucionismo de Darwin.

Ora, as relações humanas são objeto de estudos epistemológicos e o “amor” sempre foi tema de expressão poética, filosófica, religiosa, científica , tendo a corrente literária romântica exaltada como a única fonte de felicidade do homem. Platão em “O Banquete”, através do discurso de Diotima, fundamenta sobre esse sentimento humano :

(...) Afrodite, banqueteavam-se os deuses, entre os demais encontrava também o filho de Prudência, Recurso. Depois que acabaram de jantar, veio para esmolar a Pobreza , e ficou pela porta. Ora, Recurso, embriagado com o néctar – pois vinho ainda não havia – penetrou o jardim de Zeus e, pesado , adormeceu. Pobreza então, tramando em sua falta de recurso engendrar um filho de Recurso, deita-se ao seu lado e pronto concebe o Amor. Eis por que ficou companheiro e servo de Afrodite o Amor, gerado em seu natalício , ao mesmo tempo que por natureza amante ao belo, porque também Afrodite é bela. E por

ser filho o Amor de Recurso e de Pobreza foi esta condição que ele ficou .Primeiramente ele é sempre pobre, e longe Longe de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiti ceiro sofista : e nem imortal é a sua natureza nem moral, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece;ora morre e de novo ressuscita...(Platão,1979,p. 35).

No romance de Eça, contraditoriamente, pois o amor platônico é mais associado ao amor romântico, pode-se vislumbrar algumas passagens, que irão se fundamentar no pensamento platônico:

“Foi com duas lágrimas que a tremer-lhe nas pálpebras que acabou de ler as páginas da Dama das Camélias....

“ ... Um sorriso vagaroso dilatou-lhe os beicinhos vermelhos e cheios. Fora o seu primeiro namoro, o Primo Basili!

Tinha ela então dezoito anos! Ninguém o sabia, nem Jorge, nem Sebastião (Queirós, 1977, 18/19

....

Viveu triste durante meses. Era no inverno; e sentada à janela, por dentro dos vidros, com o seu bordado de lã, julgava-se desiludida, pensava no convento, seguindo com um olhar melancólico os guarda-chuvas gotejantes que passavam sob as cordas de água; ou sentando-se ao piano, ao anoitecer, cantava Soares de Passos;

Ai! Adeus acabaram-se os dias

Que disse vivi a teu lado... ou o final da Traviata, ou o Fado Vimioso, muito triste, que “ele” (grifo nosso) lhe ensinara. (Queirós, 1977,p. 21)

Nesses trechos do romance vê-se que o amor se perpetuava em Luisa através das lembranças, como situa Diotima “ora morre, e de novo ressuscita”.

Luisa, com a sua educação voltada para o lar e para o casamento, não tem um olhar na modernidade. Ela é arrastada ao adultério pela ociosidade, por um amor mal resolvido no passado, pelos livros românticos que lê. O autor, nesse momento, ataca violentamente o Romantismo exemplificando pelo distanciamento do marido, a amizade com Leopoldina considerada falsa, imoral, mulher fácil. Por outro lado, Basilio arrasta-a com lembrança de um passado recente, da juventude, do amor e sexo ardentes, do macho experimentado capaz de dar um ninho seguro, defender a sua fêmea (leia-se Darwin) capaz de realizar seus sonhos românticos:

“As duas horas Luisa saía da Encarnação e ia tomar um trem para o Roccio; para não parar à porta do paraíso com espalhafato de tipóia, ... ; ... ; e fazendo-se pequenina, cosida com a sombra das casas, apressava-se com os olhos baixos, e um vago sorriso de prazer.” (Queirós, 1977,p 210)).

- E teu marido? – perguntava ele. – Quando vem ?

Não fala em nada. – Ou então – Não recebi carta, não sei nada.

Parecia ser aquela preocupação de Basílio, na alegria egoísta da posse recente. Tinha então carícias muito extáticas, ajoelhava-se aos pés dela; fazia voz de criança;

- Lili não ama Bibi...

Ela ria, meio despida com um riso cantado e libertino

- Lili adora Bibi!... É doida por Bibi!

(Queirós, 1977,p. 211)

portanto ela se tornara presa fácil aos caprichos do Dom Juan.

Basílio é apresentado pelo narrador como um homem frio, sem sentimentos, um bon vivant, busca sempre o prazer sexual onde quer que esteja. Vive perigosamente suas aventuras sexuais. O narrador descreve-o como deslumbrante com sua retórica e cultura, conhecedor de novas descobertas, vive em Paris, Londres nas grandes metrópoles da Europa. É ativo como o Realismo, sempre pela conquista não importa o meio, é instintivo no sexo. Daí o amor para ele ser uma questão de prazer, de sexo, de realização matéria, tal qual o pensamento Realista/Naturalista. Vejamos o que diz Eça : “O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter”. Portanto, observe-se que o autor fundamenta a tese nos personagens Luisa e Basílio.

“Existem alguns elementos que estão na narrativa como o nome da protagonista “LUIZA” que estilisticamente vemos a posição das letras i e s retirando-as, ficaria” Lua” “um dos símbolos românticos da natureza”. Outro dado é que o narrador dá como descrição de Luisa “ a sua pele tinha a brancura tenra e Láctea das louras”. Na literatura a lua também é símbolo da morte.

“É um dos símbolos românticos da natureza” Outro dado é a descrição do narrador em relação à Luisa “a sua pele tinha a brancura tenra e Láctea das louras”. Na literatura, a lua também é símbolo da morte.

No Dicionário de Símbolos, em referência à Lua, entre os vários conceitos, destaque-se alguns :

É correlação com o simbolismo do Sol* que se manifesta o da Lua. Suas duas características fundamentais derivam de um lado a Lua ser privada de Luz própria e não passar de um reflexo do Sol: de outro lado, de a Lua atravessar fases diferentes e mudança de forma. É por isso que ela simboliza a dependência e o princípio feminino (salvo exceção).

A Lua é um símbolo dos **ritmos biológico**: Astro que cresce, decresce e desaparece, cuja vida depende da lei universal do vir-a-ser, do nascimento e da morte...a lua conhece uma história patética, semelhante à do homem...Este eterno retorno às suas formas iniciais, esta periodicidade sem fim fazem com que a lua seja por excelência o astro dos ritmos da vida... Ela controla todos os planos cósmicos regidos pela lei do vir-a-ser cíclico: águas, chuva, vegetação, fertilidade... (Elit, 139, apud Chevalier/Gheerbrant ,1982, p.561).

Logo, Luísa torna-se dependente do “suposto “amor” que Basílio diz sentir por ela , mas que acaba na morte, caracterizando o círculo da lua, portanto remete-se ao Naturalismo.

O amor, em O Primo Basílio, possui características retiradas tanto do conceito romântico quanto da visão realista-naturalista, onde o sentimento era descrito apenas com “o cio da carne”.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O Primo Basílio* tem uma dimensão na literatura portuguesa que ultrapassa as expectativas da época, por tentar retratar, de forma científica, a sociedade sendo inseridas pelo autor na narrativa as mais diversas teorias que se configuravam na época, entre elas, o Determinismo de Taine, O Positivismo de Comte, o Socialismo utópico de Proudhon tornando-se base da tese realista.

O autor, Eça de Queirós, observador e estudioso da sociedade portuguesa, tendo vivido em outros países como embaixador/cônsul, e estando em contacto com toda a vida intelectual, política, científica e artística europeia mostra, através da arte que o seu país está atrasado em todos os aspectos do conhecimento humano e do progresso. Era preciso que o país saísse do marasmo romântico, em que vivia, acompanhasse a evolução tecnológica, a industrialização, rompesse com os padrões de uma educação aristocrata que levavam a mulher à subserviência e o homem ao carreirismo, que o Estado se modernizasse, não cabia mais a monarquia, uma política voltada para a justiça social nos moldes proudhonianos.

Eça toma como paradigma a família lisboeta, crítica o seu núcleo, que é o casamento por interesse e sem amor, portanto fadado ao adultério. Concede à educação e ao comportamento femininos uma importância comparável àquela que dedica à crítica de tema político e religioso, ele é anticlerical, chama atenção que Luisa, Ernestinho, Julião ... estão inseridos num mundo que lhes falta o real, vivem no imaginário romântico, enquanto que Basílio é o real, simbolicamente “o Realismo”.

Conclui-se que *O Primo Basílio* é um romance que mais se aproximou da tese Naturalista, tenta mostrar que uma sociedade precisa ser capaz de transformar-se de acordo com a evolução científica e tecnológica, que o Estado deve ser moderno e que a literatura impulsiona e contribui para a construção do homem em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

QUEIRÓS, Eça de , *O Primo Basílio*, 1ª Ed. , Klick editora, 1977

SARAIVA, Antonio José & Lopes, Oscar *História da Literatura Portuguesa*, Ed. Porto, 1996

MOISES, Massaud *A Literatura Portuguesa*, São Paulo, Ed. Cultrix, 25ª ed., São Paulo, Cultrix, 1990

PLATÃO, Org. Pessanha, José Américo Motta , *Os Pensadores*, São Paulo, 2ª. Ed. , Abril Cultural, 1979

- *A Bíblia Sagrada* , s/d -

ZOLA, Émile , www.wikipédia.com, acessado em 18/12/2008, às 19:00h.

CHAVALIER , Jean/ GHEERBRANT, Alain – *Dicionários de Símbolos.*, São Paulo, Ed. José Olympo, 18ª ed, 1982

CARVALHO, Eide M. Murta (Org) *O Pensamento Vivo de Darwin*, Ed. Martin Claret, 1986.

Os imortais da Literatura da Literatura Universal, São Paulo, Org. Ed. Abril Cultural, V. II, 1972

FILHO, Domício Proença, *Estilos de Época na Literatura*, 13ª ed., Ed. Ática, 1992

MOISÉS, Massaud , *A literatura portuguesa através dos textos*, 25ª ed. ,São Paulo Ed. Cultrix 1998

MILLER, Jacques Alain Miller , *Lacan e a Filosofia*,São Paulo, org. Jorge Zahar Editor, 1987

MOISÉS,Massaud *A Criação Literária*, 3ª edição, São Paulo,Comp Melhoramentos de São Paulo, 1970

- Obras de EÇA DE QUEIRÓS, V. 1,Porto, Ed. Leilo & Irmão Editores, [s/d]

MOISES, Massaud , artigo “*Eça de Queiros e seu ideário estético* QVINTO IMPÉRIO, n5 1995,

REIS, Carlos, artigo “*Textos e paratextos: Eça de Queirós e a projecção do sentido*, QVINTO IMPÉRIO n. 17., Salvador, Dez/ 2002

SANTOS, Maria de Nazaré G. Santos, *Prenúncios do “desassossego” moderno : aspectos especulares numa narrativa queirosiana*, QVINTO IMPÉRIO, n. 13, Salvador, Dez/2000

SILVA, Mauricio , *Eça de Queirós no Brasil: Práticas de leitura*, QVINTO IMPÉRIO, n 14 Salvador, Dezembro/2001

PROUDHON, Pierre- Joseph www.wikipédia.com, acessado as 15:00 h , 16/12/2008

CARL, Guerra, *Literatura Portuguesa Realismo/Naturalismo*, www.faroldasletras.com acessado às 16:00, em 18/12/2008